



A PRÁTICA PEDAGÓGICA TRANSDISCIPLINAR E SUA IMPORTÂNCIA PARA SALA DE AULA COM ADOLESCENTES- JOVENS EM PROCESSO DE AUTOMUTILAÇÃO

Vera Lúcia Machado de Araújo

Universidade de Pernambuco – veralucia.araujo01@gmail.com

Hugo Monteiro Ferreira

Universidade de Pernambuco – hmonteiroferreira@yahoo.com

Introdução

As preocupações atuais no tocante aos processos de construção do conhecimento e a reorganização do saber indicam a urgência de uma mudança paradigmática de forma a reconstruir os elementos teóricos bem como os metodológicos da prática pedagógica (MORAIS, 2016; MORIN, 2003; NICOLESCU, 1999).

Com essa compreensão, o presente trabalho objetiva apresentar um projeto de investigação, em andamento, que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Educação do Mestrado Profissional em Educação na Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. Traz como problema de pesquisa a questão: a prática pedagógica transdisciplinar pode auxiliar o professor quando ocorrerem, em sala de aula, fenômenos como a automutilação?

Esse projeto tem por objetivo investigar a importância de uma prática pedagógica transdisciplinar quando da identificação de casos de automutilação em/com adolescentes-jovens. A pesquisa que se inicia traz como objeto empírico a automutilação praticada por jovens entre 15 e 18 anos idade, estudantes de escola pública. Esse recorte deve-se ao fato de nos referirmos aos jovens que estão sob proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. A automutilação entre adolescentes-jovens, muitas vezes praticada em sala de aula, nos instiga a conhecer os aspectos que envolvem as práticas pedagógicas dos professores em contextos de ensino e de aprendizagem.

Partindo dessas preocupações, trazemos como categorias de análise para a referida investigação a prática pedagógica disciplinar e transdisciplinar, adolescentes-jovens e a automutilação, mesmo compreendendo que tais categorias podem ser provisórias e sofrer alterações durante o processo investigativo. Compreendemos que a escola, através da prática



pedagógica de seus professores, de seu currículo, de ações que lhes são intrínsecas, poderá favorecer e/ou apontar caminhos para a compreensão das questões hodiernas.

A prática pedagógica disciplinar firma-se em princípios nascidos no século XIX. A partir daí, o conhecimento passou a ser entendido como conteúdo a ser transferido aos alunos. Com base nesse princípio, o conhecimento foi dividido em áreas de conhecimento, em cursos; e estes, divididos em disciplinas.

A transdisciplinaridade questiona a disciplinaridade, uma vez que se vive um processo de globalização, interconexão entre povos e nações, exigindo-se novas formas de se posicionar no mundo. Morais (2016) aponta “a urgência de uma mudança paradigmática em relação aos processos de construção do conhecimento e à reorganização do saber” (p. 5). Morin (2003) propõe o desenvolvimento do pensamento complexo para se compreender “o que é tecido junto” – *complexus* (p. 13 e 14).

No que concerne à categoria adolescente-jovem, busca-se compreender em linhas gerais o que significa ser jovem. Nesse sentido, Dayrell (2003) afirma que existem diversas concepções que distorcem a realidade da condição juvenil e, em suas pesquisas com jovens das camadas populares, constatou que eles constroem determinados modos de ser jovem, não havendo um modo único. O autor afirma ainda que “é nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes” (p. 42).

Na perspectiva ainda de compreender o que é ser jovem na contemporaneidade, buscamos aporte em Zigmunt Bauman (2013). Para este autor, vivemos na atualidade em uma sociedade líquida. Ele compara a sociedade atual aos líquidos, que não têm forma, são fluidos e se moldam conforme os recipientes nos quais estão contidos. Fluem e movem-se facilmente; “escorrem entre os dedos”.

No livro *Vida Líquida*, Bauman (2009) diz que “a ‘vida líquida’ e a ‘modernidade líquida’ estão intimamente ligadas”. Acrescenta que “a ‘vida líquida’ é uma forma de vida que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna”. E define que ‘líquido-moderno’ “é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2009, p. 7).



Bauman (2013) ressalta que a dificuldade de viver numa sociedade “do consistente e do coerente em nossa sociedade de consumidores” são a mediação e a orientação que o mercado faz. Para ele, os jovens estão imersos em uma sociedade de consumo. Bauman (ibidem) é categórico ao afirmar que, para o jovem, o mundo se apresenta “inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego” (p. 45).

Quanto à categoria automutilação, trazemos em nossa investigação a compreensão de que se trata de processos em que os jovens, para reduzir emoções negativas, como tensão, tristeza etc.; ou na tentativa de resolução de uma dificuldade interpessoal, para chamar atenção, se utilizam de objetos cortantes variados [...] para fazer cortes superficiais em braços, mãos, peitos ou locais de difícil acesso de visualização. Pode ainda bater cabeça contra parede, jogar-se contra porta de vidro, esbofetear o rosto. Não há associação de abuso de álcool ou drogas durante os incidentes de automutilação.

Na perspectiva de responder à problemática da pesquisa, bem como ao objetivo acima descrito, passaremos a descrever nossa metodologia que norteará essa investigação.

Metodologia

A metodologia que será trabalhada nesta pesquisa terá abordagem qualitativa e o método será a pesquisa-ação, que se desdobrará em técnicas de coleta de dados.

Rodrigues (2016) lembra que, “como em todo processo científico, na pesquisa-ação será necessário um esforço sistemático em planejar, observar, agir e refletir de maneira mais consciente, mais sistemática e mais rigorosa do que fazemos na nossa experiência diária”. E acrescenta: a pesquisa-ação, [...], “propõe o debate, o diálogo, a interação entre as pessoas envolvidas diretamente com a área teórica a ser investigada e com um respaldo teórico capaz de iluminar o processo de melhoria” (p. 114).

Para tanto, o autor acima citado elenca quatro etapas para a realização da pesquisa-ação: o diagnóstico, a ação, a reflexão e a avaliação. Estas etapas são parte de um processo contínuo e cíclico, uma vez que as atividades se complementam durante toda a pesquisa.

A fase do diagnóstico é de grande importância para a investigação. É nesta etapa que o pesquisador realiza as observações iniciais, faz contato com o grupo, sujeitos da pesquisa, e define os aspectos teóricos que possibilitem a produção do conhecimento. A observação inicial será de caráter exploratório. O pesquisador observará a prática pedagógica que se



realiza em sala de aula, a fim de saber como o objeto teórico da pesquisa, a transdisciplinaridade, perpassa as práticas pedagógicas dos professores de um dos primeiros anos do ensino médio daquela escola, e qual a importância dessas práticas para sala de aula com adolescentes-jovens em processo de automutilação.

Segundo Rodrigues (2016) na etapa da ação, durante a pesquisa-ação, “o papel fundamental do pesquisador [...] é ajudar o grupo no processo de pensar, agir, refletir e avaliar”. Com base nessas afirmações, o pesquisador procurará discutir e elaborar coletivamente ações, a partir das observações realizadas e das entrevistas semiestruturadas, que apontem melhorias para a efetivação das práticas pedagógicas.

Para Rodrigues (ibidem), a avaliação deverá ser feita durante a investigação, bem como no final para avaliar os resultados. Durante o processo, é necessário refletir sobre o que foi realizado, verificando-se os acertos e erros não apenas do pesquisador, mas também dos sujeitos da pesquisa. É necessário conhecer os pontos de vista dos investigados sobre as técnicas trabalhadas até o resultado final da pesquisa. A avaliação é o momento de se fazer uma reflexão sobre os indicadores do início da pesquisa para saber se todos foram alcançados ou não.

A etapa final proposta por Rodrigues (ibidem) é a reflexão. Nela se avalia o aprendizado dos sujeitos da pesquisa e os resultados teóricos. Nesta etapa, deve-se avaliar com o grupo o aprendizado referente ao problema inicial da pesquisa, saber se a prática pedagógica transdisciplinar pode auxiliar o professor quando ocorrerem, em sala de aula, fenômenos como a automutilação.

Para análise dos dados coletados, será realizada a análise de conteúdo. Para isso, tomaremos os conteúdos produzidos nas observações exploratórias, nas entrevistas semiestruturadas e nas rodas de diálogo. Todos os momentos deverão ser fotografados, filmados e gravados; e as respostas serão, em seguida, categorizadas.

Resultados e discussão

A presente pesquisa encontra-se ainda em fase inicial. Mesmo se tratando de uma pesquisa em processo, já foram definidos o *locus* e os sujeitos da pesquisa.



O *locus* de investigação será uma escola pública da rede estadual de ensino situada no município de Recife. Os sujeitos da pesquisa serão professores de uma turma do primeiro ano do ensino médio e seus alunos que estejam ou não em processo de automutilação.

A definição do local da pesquisa tem por premissa a existência de jovens em processo de automutilação ou que já se automutilaram, mas houve a superação da fase. Escolhemos esse nível de ensino pela predominância de jovens com idades entre 15 e 18 anos de idade, sendo aí também que compreendemos haver maior incidência de jovens que vivem ou viveram recentemente o processo de automutilação.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____, Zygmunt. *Vida Líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Aprova o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF, 1990.

DAYRELL Juarez. *O Jovem como sujeito social*. Revista Educação e Sociedade set/out/nov/dez 2003, nº 24.

_____. Maria Cândido. *Paradigma educacional emergente*. COEB – VI Congresso de Educação Básica. Florianópolis, 2016.

_____. Edgar. *Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8ª ed. RJ: Bertrand, Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.uesb.br/labtece/artigos/A%20Cabe%20C3%A7a%20Bem-feita.pdf>> acesso em 30 jul. 2017.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. Triom: São Paulo, 1999.

RODRIGUES, Luiz Alberto Ribeiro. Pesquisa-ação em educação. In: Orgs. FALCÃO, Pedro Henrique de B.; SCHURSTER, Karl. *Educação, política e outras histórias*. Editora Autografia | EDUPE, Rio de Janeiro, 2016.